

POSIÇÃO-MESTRE: SABERES E FAZERES COTIDIANOS DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EDUCACIONAL EM CONTEXTO DE ENSINO INCLUSIVO

Vanessa Regina de Oliveira Martins/ UNICAMP¹
Silvio Donizetti de Oliveira Gallo/ UNICAMP²

I. RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compartilhar algumas experiências de pesquisa desenvolvidas no campo da surdez, na área da interpretação educacional. Faremos um recorte do estudo teórico realizado no percurso da pesquisa de doutoramento da primeira autora, sendo desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP (2009). Todavia, além do momento presente, de tal pesquisa, este texto pretende compartilhar as inquietações e os resultados obtidos com a pesquisa de mestrado realizada na mesma instituição, e com a mesma temática: a relação pedagógica no ato da interpretação em contexto de ensino. Portanto, o mote da pesquisa de mestrado, e a atual, de doutorado, se deu sobre a questão da inclusão do intérprete de língua de sinais educacional (ILSE) no ensino. Fixamos o olhar nas relações gerais (ILSE, aluno surdo, professores e alunos ouvintes) que acontecem no cotidiano escolar, em situações de inclusão educacional. O foco se dá no processo, que envolve o ILSE, como participante ativo do ensino de alunos surdos – este é um dos pontos que tenho adensado na pesquisa. Abordaremos na discussão teórica: 1) o que, e como se toma a *relação de ensino*, e, a partir disso, 2) como o ensino se dá com o intérprete educacional sendo (inter)locutor do e no processo de aprendizagem. Focamos as observações nas estratégias de recriações e resistências dos sujeitos, surdos e intérpretes, ao fazer do espaço da sala de aula, de fato, um lugar de aprendizagem, mantendo a diferença surda, sem homogeneizá-la. E ainda, o paradoxo que a própria inclusão impõe: inclusão-exclusão, tradução-ensino, presença-ausência. Assumimos, no trabalho, outra perspectiva, a da diferença sempre presente e persistente no espaço da sala de aula, seja ela (sala de aula) nomeada como inclusiva ou não. Realizei um estudo das relações de

¹ Doutoranda em Educação pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa na área da interpretação em contexto de ensino. Professora Bilíngue da Prefeitura Municipal de Campinas. Mestre em Educação pela UNICAMP.

² Professor de filosofia da Educação da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Componente do grupo de pesquisa DIS – Diferenças e Subjetividades em Educação. Orientador de Doutorado da tese que será apresentada neste texto.

saber e poder no campo da surdez, utilizando como pressupostos teóricos os conceitos de Foucault (1979). Isto para pensar o momento e os discursos sobre a emergência do intérprete de língua de sinais, sua formação, e sua entrada na educação. Discorreremos sobre as estratégias de sobrevivência deste novo personagem que entra na educação com algumas “propostas” impostas sobre sua atuação, e que traz novas realidades para a sala de aula inclusiva. É deste cenário que se tratou a pesquisa: pensar as relações dos sujeitos (intérpretes educacionais e surdos), as diferenças, as resistências e as recriações destes sujeitos no cotidiano escolar. Portanto, a diferença “surda” é o que nos move.

II. INTRODUÇÃO

A inclusão tem sido alvo de grandes debates, tensões e críticas. As questões políticas referentes à educação de surdos, nestes últimos anos, também tem ganhado espaço de reflexão. Movimento este que sai do espaço estritamente acadêmico, indo (incomodando ou movimentando) às instituições de ensino, por conta do Decreto 5.626/05 que regulamente a Lei 10.436/02. O reconhecimento da **língua brasileira de sinais** (Libras) como língua de instrução aos surdos sinalizadores cria a necessidade de repensar os modos de ensino e aprendizagem do surdo, e a forma de relação e acesso destes sujeitos no espaço escolar. Ao ser direito (o uso da Libras), há que se ter professores bilíngues, professores surdos, e, nos casos em que a língua de instrução do professor não é a Libras, o intérpretes de língua de sinais educacional.

Este trabalho foi construído focado nas tensões políticas da inclusão do surdo no espaço escolar, contextualizando as invenções sociais acerca da surdez, do surdo e de suas formas de inscrição na sociedade. Faço um recorte pontual de partes da minha pesquisa de mestrado em que busquei entender o processo social de apagamento das diferenças surdas na sociedade, focando o espaço educacional; a invenção da surdez como anormalidade e posteriormente a construção de discursos que tomam a surdez como diferença linguística e cultural, constituída por marcadores sociais e culturais; a emergência do intérprete no contexto social e educacional.

Todavia, o mote da pesquisa se deu nas questões da inclusão com intérprete de língua de sinais educacional: as produções discursivas, os saberes e poderes na trama escolar. O objeto de estudo se deu na relação entre intérprete e surdo, dialogando com experiências do intérprete de língua de sinais educacional na instituição de ensino superior: dos dizeres aos fazeres. Do que se propõe como norma e aquilo que acontece

no interior da sala de aula, até e como possibilidade de manter a diferença surda e produzir ensinamentos, outros, muitos.... Portanto, este trabalho versará experiências, produções e pensamentos. Sempre aberto, inacabado, mas em constante movimento de uma ação crítica: o pensar.

III. MÉTODO

Para aprofundar tal temática alguns conceitos tiveram que ser mais lapidados, a saber: a entrada do intérprete de língua de sinais no espaço da escola; as relações de poder e saber entre surdos e ouvintes que operam posições no interior das salas; as múltiplas culturas surdas que estão em jogo no espaço da escola; o ensino como acontecimento a partir das leituras da Teoria do Acontecimento Didático (BEHARES, 2004, 2005, 2006, 2007; BORDOLI, 2005; FERNÁNDEZ, 2005; SOUZA, 2007); e por fim, as recriações possíveis no espaço da sala de aula, fazendo emergir um outro espaço-tempo de ensino, numa mesma sala que se propõe ser “homogênea”, no sentido de se ensinar tudo à todos. É desta última colocação que concluí, com o trabalho teórico, que a inclusão se estrutura numa relação paradoxal que exclui incluindo, ou inclui excluindo, e que a aprendizagem do surdo ocorre à margem, e, muitas vezes, como resistência aos modelos fechados, únicos e pré-definidos pela própria política inclusiva.

Utilizou-se a perspectiva genealógica de Foucault (1979) como método de análise das relações de produção e de saber. Para entender o processo que baseia teoricamente a pesquisa traremos o pensamento de um dos autores que ancora tal perspectiva. Foucault (1979) instaurou em suas obras um modo de olhar a realidade, diria que uma análise do discurso dos acontecimentos históricos. Com isso, promoveu outros modos de analisar as relações interpessoais, sempre pautadas de uma história construída, e que produz um determinado modo de relação, e com isso, de subjetividade. Ainda que, pelas resistências (ainda nas relações de forças) os sujeitos de (re)criem constantemente. Todavia, é no interior de uma trama ou rede de relações de poderes e saberes que se inscrevem discursos e operam modos de subjetividades (FOUCAULT, 1979, 1999a, 1999b, 2001).

Portanto, um trabalho genealógico busca cavar, minar, desvendar as formações discursivas que constroem determinados modos de existências.

Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, como o rosto do outro [...] o genealogista precisa da história para conjurar a quimera da origem [...] é preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal dirigidas, que dão conta dos ativismos e das hereditariedades [...] (FOUCAULT, 1979, p. 19).

Pensar a história, pela tática genealógica de Foucault (1979) é perder-se, aprofundar-se nos fatos históricos de forma meticulosa, entendendo as marcas sociais repletas de políticas de forças que movimentam saberes. Saberes, estes, operantes desde as pequenas relações sociais que alteram todo o processo do cotidiano – sejam as mudanças cotidianas nas mais variadas instituições, entre elas, o cotidiano escolar. Onde há saberes, há relações, há produções, há invenções de vida. Desta forma, a genealogia em Foucault (1979) configura-se como tática de leitura das práticas sociais e das produções históricas; como um dispositivo que permite ao pesquisador suspeitar de algumas verdades, suspender outras, (re)olhar e (re)criar novas práticas sociais.

IV. DISCUSSÃO:

Há uma história, uma herança, um monumento naquilo que chamamos de educação. E, nessa história, a pergunta pela educação se volta sobre nós mesmos para nos obrigar a olhar bem. Olhar melhor nossa pergunta, pois toda pergunta pode ser também um abandono, uma obstinação, ou então um cruel convite à sinceridade (CARVALHO, 2010, p. 137).

A citação trazida como epígrafe deste espaço traz reflexões sobre a importância dos questionamentos (das perguntas) na produção e mobilização de qualquer pesquisa. A problematização nos move e nos alça a um outro lugar: o do não saber, o das incertezas e da busca de novos caminhos/olhares. Nas travessias do saber construído ocorrem muitos abandonos: as nossas verdades e certezas já consolidadas são deixadas, trocadas e (re)formuladas no constatar de uma pesquisa. É interessante lembrar a entrada e as problematizações que me fizeram enveredar na temática da surdez, sobretudo, nas questões da inclusão com a presença de intérprete de língua de sinais educacional (ILSE). Uma das razões, o questionamento do lugar ou papel do intérprete educacional. Muitas questões levantadas, leituras, textos, diálogos que ao me incomodar, traziam um desejo produtivo de refletir sobre minha atuação como intérprete de língua de sinais educacional no ensino superior. Destas questões e das muitas

experiências vividas no cotidiano de salas de aulas do ensino superior inicie um projeto de pesquisa, cujo objetivo era entender as relações entre intérpretes e surdos no interior de uma proposta inclusiva.

Como aponta Carvalho (2010), baseado nos constructos foucaultianos, há uma história construída sobre a educação e neste processo somos constituídos como efeito destas produções datadas historicamente, portanto, contingente. A educação campo de saber produz vários conhecimentos (teorias) acerca da aprendizagem, do ensino, dos processos relacionais e das questões institucionais pautadas por séries de relações de forças. Pode-se derivar que neste novo espaço de relações sociais permeadas pelo discurso de uma inclusão de surdos, mais as lutas políticas das comunidades surdas por seus direitos lingüísticos, vemos surgir a presença de profissionais ILSE. Temos, portanto, a entrada de um novo personagem na escola, o intérprete de língua de sinais, que emerge nas tensões de uma inclusão posta e que não atende às especificidades da surdez. Nesta trama, facilmente, pode-se ter muitas expectativas acerca da atuação do ILSE, entre elas que com sua presença, todos os problemas de aprendizagens dos surdos estão solucionados.

Desta premissa, facilmente deriva-se que o fracasso escolar de surdos pode-se atrelar à boa ou má atuação deste profissional, sempre “colado” em relação a sua proficiência no uso da língua de sinais. Não se questiona qual a formação deste profissional, mas se é ou não fluente na língua de sinais. Nesta pesquisa o que se observa é que há um imaginário acerca das relações ideais de atuação do ILSE. Porém no cotidiano menor, há um modo de atuar, muitas vezes não compartilhado, em que o corpo do ILSE é convocado a produzir ensino. Há o que venho chamando de um triângulo de ensino: professor, aluno surdo e ILSE. E em muitas situações o intérprete é convocado a assumir uma função-educador. Sobre a função-educador, conceito construído por Carvalho (2010), entende-se uma posição crítica do sujeito, sempre movediça por se relacionar com o outro, o cotidiano e suas experiências:

O mesmo ocorre com a posição do sujeito na função-educador. Entramado como possibilidade de ação, o seu envolvimento com as experiências com as quais está suscetível de se defrontar sofre um golpe decisivo que se dá no âmbito da instalação inicial de um ponto de obstáculo haurido da própria condição do poder, de seus espaços, intervalos, desconexões, fissuras, limites. É quando o educador se abre ao inesperado, ao inclassificável, ao irreduzível, ao divergente, ao imponderável, ao desvio na linha-limite (CARVALHO, 2010, p. 114).

Fator este importante para pensarmos na posição/função deste profissional que está na escola e que deve não apenas carregar a “responsabilidade” do fracasso de uma política, por vezes, excludente, mas ser reconhecido como parte do processo pedagógico. Isso porque numa relação de ensino, que se imagina dual, muitas vezes faz operar uma função-educador ao ILS, como subjetividade ativa que se faz presente na sala de aula. O que importou na pesquisa foi observar as produções e tipos de relação que emergem no cotidiano da sala de aula, para entender o processo de ensino que perpassa o corpo do ILSE. Este sujeito que é convocado como instrumento de comunicação, mas que, subverte a ação ao potencializar uma relação de produção ativa com o aluno surdo, na relação de ensino-aprendizagem. Isso se dá por conta da língua que afeta e captura o sujeito surdo no movimento do desejo pelo conhecimento, no contexto de uma aula; captura que mobiliza professor e aluno do desejo de ensinar e aprender, de trocar algo com o outro (BEHARES, 2004, 2005, 2006; SOUZA, 2007; MARTINS, 2008).

V. POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVAS ABERTURAS...

Após a realização da pesquisa algumas questões ficaram marcadas para mim como algumas possibilidades de ler as problematizações levantadas, dentre elas que o espaço da sala de aula é privilegiado por acontecimentos não programados, sendo eles imprevistos que fazem operar criações. Que a inclusão se constitui dentro de alguns paradoxos, que resumiria como (im)possibilidades: seja na fidelidade de uma tradução perfeita, ou na idéia de uma completude da aula para um aluno ideal. A importância da participação ativa (não instrumental) do ILSE na aula – sabendo seus limites de avançar ou recuar. A necessária escuta da atuação/função do ILSE, observando os enlaces simbólicos entre surdos e ILSE na sala de aula; nesse lugar de produções singulares e de escutas, tanto do surdo, quanto do ILSE, que ficam, por vezes, obscuros para os que não dominam a língua de sinais (professores ouvintes e alunos ouvintes), e que aparentemente estão postos no mesmo espaço. Por fim, a inclusão como potencia de criação quando se subverte e abre espaços para a diferença, seja ela de modos de aprender e de se constituir sujeitos. Paradoxo da inclusão com intérprete educacional, lugar de ser e não ser, de fazer, se refazer, recriando a aula no percurso do inédito. Este é o momento de vivenciar, observar, abrindo os campos de pesquisa para o acontecimento interno que decorre desta experiência contemporânea: o de ter “dois”

educadores circulando em uma sala de aula. O intérprete educacional como aquele que se traduz no ensino.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHARES, L.E. Enseñanza-aprendizaje revisitados: un análisis de la fantasía didáctica. In: **Didáctica mínima: los acontecimientos del saber**. Montevideo: Psicolibros Waslala, 2004.

_____. Didáctica moderna: más o menos preguntas, más o menos respuestas?. In: BEHARES, LE.; CORSARO, S. C. (Org.). **Enseñanza del saber: saber de la enseñanza**. Montevidéo: Universidad de la República/Facultad de Humanidades y Ciências de la Educación, 2005.

_____. La enseñanza en el campo de la sordera: reflexões desde la teoría del acontecimiento didáctico. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.228-243. jun. 2006.

Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=124&layout=abstract>
Acesso em: 11/08/2010.

_____. Enseñar em cuerpo y alma: la teoría de la enseñanza y el saber em la pulsión. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.8, n. esp. pp. 1-21, 2007.

Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=399&layout=abstract>
Acesso em: 09/08/2010.

FERNÁNDEZ, A.M. Que de La transferencia en el acontecimiento didáctico? Amor y saber en la imparidad subjetiva. In: BEHARES, L.E. & CORSARO, S.C.de. (Orgs). **Enseñanza del saber: saber de la enseñanza**. Departamento de Publicaciones de la FHCE. Motevideo, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Em Defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 a.

_____. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999 b.

_____. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, V.R.de O. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais**: Relações de poder e (re)criações do sujeito. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, SP, 2008.

SOUZA, R.M.de. O professor intérprete de língua de sinais em sala de aula: ponto de partida para se repensar a relação ensino, sujeito e linguagem. **ETD (Educação Temática Digital)**: Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza. Vol. 8, 2007. pp. 154-170.

Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=416&layout=abstract>
Acesso em: 11/08/2010.